



PRÉDICA COMO UMA CONVERSA COM O OUVINTE SOBRE A SUA VIDA¹

A sermon as a conversation with the listener about his or her life

Wilhelm Gräb²

Resumo:

Sem negar o valor e a necessidade da tradição para a exegese e a prédica, o artigo aponta para a necessidade de a pregação também pré-ocupar-se com o ouvinte da prédica. O autor observa que em um contexto secularização da religião, as pessoas não deixam de ser religiosas - apenas que a forma como vivenciam e experimentam sua religiosidade adota um formato pragmático e de distância/resistência a formatos institucionalizados de fé. A prédica deveria ocupar-se com o ouvinte e atentar para a *religião vivida* nas entranhas da experiência humana. “O que move as pessoas? Onde as pessoas se movem?” São perguntas que cada pregador deveria fazer, antes mesmo de iniciar o processo (formal) de preparar a sua prédica. A prédica, portanto, é “uma conversa com o ouvinte sobre a sua vida.” Assim, o autor propõe um método que auxilie o pregador. Esse método envolve quatro etapas que, de forma circular, passam a) pela interpretação do texto sagrado, b) pela hermenêutica do ouvinte - compreender o ouvinte em sua busca religiosa por sentido de vida, c) passam pela re-significação da vida à luz da mensagem da justificação e d) pela arte da retórica que apresenta a prédica de forma interessante, cativante e significativa para o ouvinte. O autor conclui seu artigo apontando para três critérios que a retórica deveria observar: o critério da compreensão, o critério da contextualização e o critério da performatividade.

Palavras-chave:

Homilética. Religião vivida. Ouvinte da prédica.

Abstract:

Without negating the value and need of tradition for exegeses and for the sermon, the article points to the need of preaching also occupying itself with the person listening to the sermon. The author observes that in a context of secularization of religion, people do not stop being religious – simply the way they live out and experience their religiosity adopts a pragmatic form and one of

¹ O presente artigo é uma palestra proferida pelo prof. Dr. Wilhem Gräb por ocasião do III Congresso Internacional de Teologia da Faculdade EST, em São Leopoldo / RS, nos dias 12-16 de setembro de 2016, sob o tema: “Reforma: Tradição e Transformação”. Por se tratar de uma palestra, o artigo aqui traduzido e reproduzido manteve a linguagem coloquial que caracteriza a comunicação oral.

A tradução do artigo foi realizada pelo Ms. Klaus Stange, professor na Faculdade Luterana de Teologia (FLT), São Bento do Sul, SC, Brasil.

This article is a lecture presented by prof. Dr. Wilhem Gräb on occasion of the III International Congress of Theology of the Faculdades EST, in São Leopoldo / RS, from the 12-16 of September of 2016, on the theme: “Reformation: Tradition and Transformation”. As it is a lecture, the article presented here, translated and reproduced, maintained the colloquial language which characterizes oral communication.

The translation of the article was done by Ms. Klaus Stange, professor at the Faculdade Luterana de Teologia (FLT), São Bento do Sul, SC, Brazil.

² Professor de Teologia Prática na Ruhr-Universität Bochum e na Humboldt-Universität zu Berlin.

He was professor of Practical Theology at the Ruhr-Universität Bochum and at Humboldt-Universität zu Berlin.

distance/resistance to institutionalized forms of preaching. The sermon should concern itself with the listener and pay attention to the *lived religion* within the intimacy of the human experience. “What moves people? Where do people move?” These are questions which each preacher should make, even before beginning the (formal) process of preparing his or her sermon. The sermon, however, is “a conversation with the listener about their lives.” Thus, the author proposes a method which helps the preacher. This method involves four stages which, in a circular form, passes through a) the interpretation of the holy text, b) the hermeneutics of the listener – understanding the listener in his or her religious quest for meaning in life, c) the re-signification of life in the light of the message of justification and d) the art of rhetoric which presents the sermon in an interesting, captivating and significant way to the listener. The author concludes his article pointing to three criteria which rhetoric must observe: the criterion of comprehension, the criterion of contextualization and the criterion of performability.

Keywords:

Homiletics. Lived religion. Listener of the sermon.

Parte 1: Considerar a religião vivida como tarefa homilética

A reforma protestante colocou a prédica no centro do culto cristão. A centralidade da prédica no culto constitui, até o dia de hoje, uma característica das igrejas reformadas. A prédica é o elemento mais importante no culto, não apenas para a teologia luterana, mas também na expectativa dos ouvintes que participam de um culto. Uma boa prédica continua sendo decisiva para que as pessoas participem do culto com satisfação. Nesse ponto se demonstra a força da tradição reformatória. A experiência da salvação é associada com um evento vivo de comunicação! Ela acontece, onde pessoas vivem e experimentam comunhão umas com as outras e com Jesus Cristo. E esta comunhão vive de não outra coisa senão da confiança. Confiança de uns para com os outros, mas que novamente aponta para confiança comum contida nas promessas do Evangelho. Fazer esta experiência da comunhão de uma maneira tal que o ser humano é alcançado em seu interior, que a confiança é despertada em seu coração, nisto consiste a tarefa da prédica - segundo Martinho Lutero. Nesta tradição também nós nos encontramos hoje. Também para nós esta é a razão pela qual a prédica, até hoje, se encontra no centro do culto. Isto é assim, pelo fato de a prédica ter a tarefa de anunciar o amor de Deus, a graça, o perdão e, não por último, pelo fato de Deus ser a base de uma vida abençoada.

Nesta tradição nós nos encontramos. A prédica, com sua tradição milenar, continua sendo fundamental para nós. A centralidade da prédica também se confirma se considerarmos pesquisas que têm sido feitas recentemente, perguntando pelo que as pessoas esperam do/no culto. As estatísticas confirmam o legado da Reforma.

Uma pesquisa publicada no dia 15 de agosto de 2016 pelo July Beauty Center for public Life concluiu: Aproximadamente a metade da população adulta dos Estados Unidos, em algum momento da sua vida, procurou por uma nova congregação religiosa. Na maioria das vezes isso se deu por conta de migrações. Quando essas pessoas procuraram por uma igreja ou por lugares de adoração, o estudo constatou que os americanos privilegiam primeiramente um lugar em que possam apreciar uma boa prédica; prestam atenção ao tom de voz do líder comunitário, do pregador. Pregação, acolhimento, estilo de adoração e a localização geográfica são os quatro fatores

mais importantes que cristãos consideram quando estão procurando uma nova igreja. E destes quatro, o mais importante é a qualidade do sermão.³

Por isso, os teólogos que se compreendem comprometidos com a tradição reformatória, darão atenção de forma especial para a prédica - mas também para o ouvinte da prédica, procurando corresponder às expectativas das pessoas.

Infelizmente, a Reforma também teve como desdobramento uma supervalorização da tradição, que em muitos lugares subsiste até hoje. Por exemplo, subsistem formas litúrgicas de culto que não são mais consideradas adequadas pelas novas gerações. O mesmo pode ser dito a respeito da prédica. Não me refiro tanto a sua forma como monólogo - embora este também naturalmente constitua um problema. Os modernos meios de comunicação em massa, em especial a internet, criaram uma forma global de comunicação interativa. As pessoas têm a oportunidade de interagirem através de mídias sociais, tanto no âmbito privado como de forma pública e política. Todos podem e querem dar a sua opinião e, na interação com outras pessoas, formular a sua própria opinião. Isso é igualmente válido para temas religiosos. Também sobre perguntas a respeito da fé é possível interagir na plataforma Facebook. Temas a respeito da fé são mencionadas nos filmes e em programas de televisão, são abordados na literatura. Como as pessoas pensam a respeito de Deus, como elas o experimentam ou como elas procuram por Deus, é tematizado e muito bem-apresentado nos meios de comunicação em massa, muitas vezes de uma forma mais impactante e mais pessoal do que, por exemplo, numa prédica na igreja.

Neste ponto eu vejo os maiores desafios colocados para a tradição luterana, especificamente para a prédica no contexto da tradição reformatória. É neste ponto que necessitamos de transformação: vivenciar a vida e fazer experiências com Deus, alcançar os ouvintes de forma pessoal, existencial no que se refere a religião e a fé de cada um. A prédica de tradição luterana tem seu ponto forte na exposição do texto bíblico. Mais recentemente, também apresenta os textos bíblicos na forma de encenações ou da dramaturgia. No entanto, a tradição luterana ainda não leva suficientemente a sério a máxima de Lutero quando ele diz que é necessário *olhar na boca do povo* para encontrar a linguagem adequada. Esta é a questão que, a meu ver, demanda o maior grau de transformação. Trazer à luz a vida real, torná-la prática, concreta; trazer para dentro da prédica aquilo que move e ocupa as pessoas, aquilo que faz a vida ser vida! É necessário que as pessoas se sintam tocadas na sua vida pela religião que elas vivem. Para que uma prédica se torne concreta é fundamental que se pergunte pelo ouvinte da prédica e pela sua *religião vivida*, antes mesmo de iniciarmos a preparação de uma prédica. Esse aspecto já foi destacado veementemente a 50 anos atrás pelo professor de teologia prática e de homilética - professor Ernst Lange. Convém sempre de novo atentarmos para as suas palavras. *“Não é suficiente apenas interpretar os textos bíblicos para em seguida, de uma maneira mais ou menos controlada, fazer uma aplicação do texto. O ouvinte contemporâneo não se encontra no texto, muito menos a sua situação vivencial se encontra no texto. Por isso, a pergunta pelo ouvinte e pela sua situação se tornam urgentes e agudas.”*⁴

O pregador não pode apenas se preocupar com a exposição do texto bíblico e sua aplicação. Quem prega, tem a tarefa, urgente, de perguntar o que ocupa seus ouvintes, o que os oprime e sobrecarrega, pelo que eles se alegram e o que lhes dá esperança. É preciso que estas perguntas

³ <http://pewresearch.us1.list-manage.com/track/click?u=434f5d1199912232d416897e4&id=ad7e5383db&e=f89ebbca79>

⁴ LANGE, Ernst; KRUSCHE, Peter; RÖSSLER, Dietrich (Ed). *Zur Theorie und Praxis der Predigtarbeit*. Predigtstudien Beiheft 1, Stuttgart, 1968, p. 45.

sejam consideradas, por que se tratam de perguntas da vida, que tocam profundamente a existência humana. São perguntas que possuem profundas dimensões religiosas, perguntas que atingem a integralidade do ser humano.

Portanto, não se trata de na prédica, de forma artificial, fazermos aplicações de textos bíblicos ou ilustrarmos a realidade do texto bíblico com situações cotidianas. Pelo contrário, a prédica precisa debater-se com perguntas existenciais, perguntas diante das quais as pessoas se encontram no seu âmbito familiar, profissional e político. Os ouvintes precisam perceber do que trata o discurso da prédica, precisam perceber e compreender que elas mesmas são envolvidas. Elas precisam sentir, que a prédica quer alcançá-las em uma perspectiva religiosa. É disso que a prédica em última análise trata. Ela precisa distinguir-se de um discurso político, o que não significa, que na prédica eu não possa tematizar assuntos políticos. No entanto, a prédica precisa ser capaz de colocar este assunto em uma perspectiva religiosa. Mas isso, por sua vez, exige que os ouvintes sejam abordados como pessoas que têm uma conexão religiosa, vivem sua religião, levam suas vidas a um vínculo religioso. Só então a prédica pode aproveitar a oportunidade para conversar com os ouvintes sobre sua fé e sobre a sua vida.

Ernst Lange foi o teólogo que trouxe impulsos decisivos para esta mudança de perspectiva, para esta transformação no âmbito da prática homilética. Para mim ainda é atual o seu slogan: “*Pregar significa: Eu converso com o ouvinte sobre a sua vida.*” Isto só é possível quando eu parto do princípio que as pessoas são religiosas - de alguma forma são religiosas, e que elas sejam levadas a sério na sua forma religiosa, na sua opção religiosa.

“Caducou”, diz Ernst Lange, “a naturalidade e a universalidade de certos sistemas religiosos. Mas não caducou a necessidade do ser humano buscar um significado para a sua existência e de se comunicar e se unir com os outros na busca de sentido mediado em símbolos religiosos. As pessoas de hoje não são, portanto, irreligiosas, mas sua decisão religiosa é caracterizada por pragmatismo, distância e reserva. A novidade não é o ser humano que vive sem religião, mas o ser humano que escolhe o que lhe dá sentido religioso, com a condição de que este sentido significativo se comprove na realidade da existência cotidiana. Nesse sentido, a necessidade religiosa é certamente o meio de encontro, do debate, da comunicação entre igreja e a sociedade contemporânea. A necessidade religiosa também influenciará decisivamente as expressões e formas de uma vida religiosa, como a forma de piedade, por exemplo. Como resultado, é urgente levarmos muito mais a sério as necessidades religiosas da sociedade contemporânea”.⁵

A pergunta de Ernst Lange sobre “o ouvinte” já era a questão central da assim chamada “*religião vivida*”⁶. A questão da *religião vivida* exige que o ouvinte seja levado a sério, como sujeito

⁵ Ibid.

⁶ Para ajudar o leitor a compreender o conceito de *religião vivida*, reproduzimos um extrato do artigo do prof. Dr. Julio Adam: *Religião vivida é uma forma de olhar e de perceber a religião e a teologia não em primeiro lugar a partir de suas concepções teóricas, dogmáticas e a partir da tradição da Igreja, mas, sim, a partir daquilo que a cultura e que as pessoas fazem e dizem ser religião e o religioso, seguindo a compreensão de Ganzevoort e Roeland “The concepts of praxis and lived religion focus on what people do rather than on ‘official’ religion, its sacred sources, its institutes, and its doctrines. As such, practical theology has much in common with what in disciplines like anthropology, sociology, and media studies, is known as ‘the practical turn’: the turn away from institutes and (cultural) texts to the everyday social and cultural practices of ordinary people. Lived Religion”*[GANZEVOORT R.; ROELAND J.; *Lived Religion: the praxis of practical theology International Journal of Practical Theology 18(1), 2014, 91-101, p. 93.*] Algo nada novo para as teologias latino-americanas que ousaram fazer teologia a partir do que as pessoas vivenciam e expressam como sendo teologia. [Esta discussão sobre teologia normativa e teologia vivencial requer um aprofundamento. Sugiro para tal iniciar com a discussão de Matitjjs van de Port, no seu livro *Ecstatic encounters: Bahian Candomblé and the Quest for the Really Real*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2011.] Importante observar que religião vivida não tem a ver apenas como forma implícitas da religião e do religioso, mas também com

de sua vida, bem como de sua fé. O ouvinte da prédica não pode ser “atropelado” pela prédica. Já não é apropriado dizer que a mensagem bíblica está sendo dirigida a ele. Em vez disso, a prédica torna-se uma conversa que procura entender como a fé pode intervir na vida. Assim, a compreensão das pessoas em sua situação de vida e, portanto, também em suas necessidades existenciais-religiosas tornou-se uma tarefa homilética particular.

“O ouvinte” não está no texto bíblico. A maioria das pessoas - incluindo aquelas que ouvem prédicas de forma regular, não estão familiarizadas com os textos bíblicos. Em vez disso, seus pensamentos são ocupados por outros textos e realidades muitas vezes mediados pelas mídias virtuais. É imprescindível que esses outros textos e mundos imagéticos na vida das pessoas, seja atentamente lido e percebido pelo pregador quando prepara sua prédica. Esses outros textos e mundos imagéticos devem ser considerados na interpretação da Bíblia, se quisermos entender os textos bíblicos no que eles têm para nos dizer hoje; se quisermos entender os textos bíblicos naquilo que eles querem nos tocar pessoalmente, social e politicamente.

A questão homilética da *religião vivida* se relaciona diretamente com a questão dos mundos textuais e imagéticos que moldam nossas atitudes e nossas ideias de vida. É por isso que a percepção da cultura medial contemporânea é tão importante para os pregadores. Na literatura, nos filmes do cinema e da televisão, nos blogs da internet descobrimos quais são os temores que dominam as pessoas, quais são suas esperanças, suas expectativas de vida, suas decepções, de onde extraem força, como lidam com crises. Na cultura medial encontramos testemunhos de pessoas, nas quais fica claro como sua fé os ajudou ou o que as fez duvidar de sua fé. Na literatura e no cinema, vemos como as pessoas refletem as experiências de suas vidas e o papel que as referências religiosas desempenham nelas. As inferências sobre a *religião vivida* das pessoas, podem nos ajudar a interpretar os textos bíblicos de uma maneira próxima da experiência e da vida dos ouvintes.

Acontece que até mesmo os textos bíblicos em que baseamos nossa prédica, podem ser lidos como uma interpretação religiosa ou teológica das experiências de vida. Os textos do apóstolo Paulo por exemplo, podem ser lidos numa perspectiva da *religião vivida*, quando ele desenvolve sua visão de mundo e seus conceitos de vida com base em impactantes experiências biográficas e ao mesmo tempo ao lidar com as tradições teológicas de seus pais.

Qual é a preocupação das pessoas que vem para ouvir uma prédica? Ou, qual a preocupação das pessoas que não vem para ouvir? Em que mundos textuais/virtuais essas pessoas que não vem para ouvir uma prédica se encontram, possivelmente encontrando em outro lugar

formas explícitas, ou seja, avaliando a teologia que as pessoas fazem, a maneira como elas interpretam sua espiritualidade e vivência de igreja. Em ambos os casos, portanto, a tradição e as matrizes religiosas são importantes, pois é a partir delas que a *religião vivida* pode ser entendida e posta em diálogo com a própria Teologia. Obviamente também que ao tomarmos um conceito como esse, mesmo que apenas funcionalmente, estamos considerando o conceito *religião* como algo amplo e aberto. Neste sentido, na perspectiva sociológica, o conceito de Thomas Luckman da “*religião invisível*”, bem como na perspectiva teológica, o método da correlação na Teologia da Cultura, de Paul Tillich, são importantes. Na discussão sobre a teologia prática como hermenêutica da *religião vivida*, R. Ganzevoort irá definir “*religião* como os padrões transcendentais de ação e significado que contribuem para a relação com o sagrado e nela estão inseridos.” Para o autor essa é uma definição primariamente funcional, que tem por objetivo a máxima maleabilidade para que possamos estar abertos a novas e diferentes formas de *religião*. Para ele, padrões de transcendente não deveriam ser confundidos com um ser transcendente, mas sim com processos de *transcendentimento* das fronteiras, na relação com algo que nos envolve completamente. O cerne da definição, entretanto, é a relação com o sagrado, o qual não é um conceito infinitamente aberto. Para ele, a noção do sagrado pelo menos implica um centro ao redor do qual nossa vida gravita, bem como uma presença que evoca reverência e paixão. Isso muitas vezes é determinado pelo contexto cultural no qual vivemos e segue o modelo de uma tradição religiosa. [GANZEVOORT, Encruzilhadas, p. 322]. ADAM, Julio.

aquilo que os frequentadores de um culto encontram? Qual é o grande tema do momento; sobre o que teríamos que falar se a prédica quer se tornar um discurso contemporâneo e religioso? Elaborar essa pergunta se tornou a tarefa homilética central. E esta tarefa só pode ser cumprida na medida em que a percepção e a interpretação dos mundos textuais e imagéticos de nosso tempo são equilibradas com a percepção e interpretação dos mundos textual e imagéticos da Bíblia.

As perguntas e os questionamentos são os mesmos em ambos os casos: na interpretação dos textos bíblicos e na interpretação da cultura medial contemporânea. Sobre o que trata o texto que serve de base para a prédica? É apenas o texto indicado no lecionário? O que ocupou o pensamento das pessoas que transmitiram este texto? Que tipo de fé se expressa através dele? Quais dúvidas? Que esperança? Por que ele está admoestando? Interrogar o texto bíblico dessa forma nos permite também entender “o ouvinte” como aquele que traz sua fé, suas dúvidas, suas expectativas e esperanças, sua moralidade, todas as suas ideias de vida e atitudes para com a vida. Tentamos entrar no texto bíblico com o ouvinte. Esse exercício resultará em identificação e distanciamento, simultaneamente. Reconhecemos nossas próprias perguntas. Novas perguntas se formarão. As respostas podem ser testadas. Para o ouvinte familiarizado com o texto bíblico, esse exercício pode se tornar em um espaço em que ele ouve aquilo que ele pode e quer receber, que confirma sua atitude para com a vida e consolida convicções, ou mesmo para ouvir de forma resistente o texto bíblico com suas reivindicações.

Finalmente, novos conceitos de retórica, derivados da comunicação imagética, podem ter implicações para a retórica e a dramaturgia da prédica. A ciência homilética no contexto alemão, desenvolveu o conceito de “homilética dramatúrgica”. Inspirada na assim chamada “nova homilética” do contexto norte-americano, a “homilética dramatúrgica” desenvolvida por Martin Nicol e Alexander Deeg tornou-se muito influente na Alemanha. Segundo eles, numa cultura da experiência pós-moderna, a prédica deve se tornar um evento, transportando os textos bíblicos para cenas, através das quais o ouvinte é mais uma vez colocado em perspectiva sobre sua própria vida. Pretende-se realizar o drama da história de Deus, mover e inspirar os ouvintes.

O significado e importância da retórica para a homilética é incontestável. Através da retórica, os momentos emocionais e afetivos, em que se baseia a eficácia da atividade de pregação, são intensificados. As emoções querem ser abordadas e os efeitos são despertados. O sermão em sua performance como discurso deve aproveitar e mover seus ouvintes. A tarefa da prédica não é falar sobre fé, muito menos interpretar o texto bíblico como se faz em uma palestra de exposição exegética. Pelo contrário, a prédica deve querer fazer com que os ouvintes tenham uma experiência estética, tenham uma experiência dos sentidos, sejam tocadas em sua existência.

Os textos bíblicos falam sobre como as pessoas experimentaram Deus. Os textos bíblicos não representam ou falam de outra realidade, de uma realidade paralela, mas falam como pessoas, na realidade de suas vidas, ouviram Deus falar com elas, como elas creram e duvidaram, temiam e esperavam. Da mesma forma, a prédica de hoje trata apenas de uma realidade: a realidade da vida “do ouvinte”. A prédica quer conversar com o ouvinte, “sobre suas experiências e opiniões, suas esperanças e decepções, seus sucessos e suas falhas, suas tarefas e seu destino”.⁷ O texto bíblico dá a oportunidade de interpretar tudo o que constitui a vida humana, as experiências e crenças, as esperanças e decepções na perspectiva ou variedade de perspectivas do Deus bíblico. Mesmo em nosso mundo, na nossa cultura medial contemporânea, os textos bíblicos fornecem narrações e ficções, símbolos e metáforas fortes o suficiente para desbloquear as experiências de vida nos ouvintes, convidá-las para uma relação com Deus e encorajar à autointerpretação religiosa

⁷ LANGE, Ernst; KRUSCHE, Peter; RÖSSLER, Dietrich (Ed) Ibid.

correspondente da própria vida. O ouvinte não estabelece outra realidade, mas interpreta a realidade de sua vida como aquela em que Deus está presente.

Os textos bíblicos - com suas narrativas e experiências que pessoas fizeram com Deus, removem a conceitualidade abstrata de Deus. Eles dão a Deus um rosto e à autointerpretação religiosa do “ouvinte”, uma linguagem. A este respeito, também pode-se dizer que, na prédica, os textos bíblicos devem mover o ouvinte, o texto bíblico deve ser apresentado de forma cênica, para que fique aberto aos ouvintes a possibilidade de se deslocarem para ele com suas vidas. O ouvinte não quer ser simplesmente o destinatário de uma aplicação de verdades bíblicas. Pelo contrário, o evento da prédica ocorre no lugar da subjetividade que interpreta em perspectiva religiosa a prédica. Portanto, uma boa prédica não ensina sobre verdades da revelação bíblica, nem textos doutrinários em primeiro lugar, mas dá ao ouvinte envolvido na trama bíblica, possibilidades de articulação e interpretações religiosas, estimulando o aprofundamento e, às vezes, talvez também mudanças de perspectiva na autointerpretação do texto. Este tipo de prédica produz certeza pessoal/individual, que brota de dentro e que aposta alto no texto bíblico, porque abre a oportunidade de o próprio ouvinte estabelecer suas próprias certezas e ser mais profundo em Deus.

Parte II: como falar com o ouvinte sobre sua vida

1. O que eu tenho que fazer para encontrar o caminho para uma prédica como discurso religioso? Quatro perspectivas homiléticas!

Há quatro perspectivas de reflexão a serem adotadas no caminho para uma prédica enquanto discurso religioso. Elas emergem da definição, do conceito, do que entendemos ser uma prédica enquanto discurso religioso, prédica como uma conversa com o ouvinte sobre sua vida, uma conversa com o ouvinte sobre sua vida com Deus, como demonstrado na primeira parte desse texto.

Em uma definição de prédica, resumo as minhas reflexões sobre a prédica enquanto discurso religioso.

Definição de prédica: *Pregar significa abordar – com base em textos bíblicos, as questões religiosas da vida; à luz da mensagem cristã, proporcionar ao ouvinte uma oportunidade para que ele interprete a sua vida; apresentar essa autointerpretação religiosa, de forma inspirada e desafiadora, na forma de uma prédica.*

As quatro perspectivas de reflexão homilética que a prédica exige são derivadas dessa definição de prédica, definição da tarefa do pregador. De forma sintetizada, pregação implica:

- a) Interpretar textos bíblicos,
- b) Procurar compreender o ouvinte em sua busca religiosa de sentido,
- c) À luz da mensagem cristã da justificação, desenvolver uma interpretação da vida e,
- d) Apresentar os resultados na forma de uma prédica que seja atraente, reivindicadora e edificante.

No processo de preparação da prédica, essas quatro perspectivas de reflexão muitas vezes se sobrepõem. Portanto, devemos pensar no processo de preparação da prédica, no qual as quatro perspectivas de reflexão devem ser consideradas, como um movimento circular. É importante para a prática da pregação, saber que se pode iniciar a preparação da prédica em qualquer um dos pontos do processo circular.

A) Interpretar textos bíblicos: hermenêutica do texto

A prédica geralmente é baseada em um texto bíblico. Quem prega, deve interpretar o texto bíblico.

As principais questões a serem consideradas no processo hermenêutico são: sobre o que trata o texto e como eu interpreto esse texto? Finalmente, e acima de tudo: que perspectivas ou respostas o texto oferece para a resolução da tarefa que cabe ao pregador no processo de preparo da prédica? Qual é o potencial que o texto fornece para perfilar a mensagem cristã e endereçá-la para questões existenciais na vida dos ouvintes?

Numa perspectiva homilética, a exegese visa liberar o potencial de interpretação religiosa dos textos bíblicos. O processo que se segue consiste em uma interpretação tal dos textos bíblicos, que permite ao ouvinte se encontrar no texto. Tal exegese, que também pode ser chamada de existencial,⁸ combina a interpretação histórico-crítica do texto bíblico com um esforço compreensivo baseado em seu significado religioso. Ela quer liberar as pessoas de hoje para encontrarem um aprofundamento de sua autointerpretação religiosa e uma renovação de sua certeza de vida no encontro com os textos da Bíblia ou a mensagem cristã deles recebida.

B) Compreender a religião: hermenêutica religiosa

A tarefa da prédica é permitir às pessoas uma autointerpretação religiosa mediada pela interpretação de textos bíblicos e à luz da mensagem cristã da justificação. Portanto, aqueles que pregam devem entender quando, onde e como as pessoas se envolvem com sua autointerpretação religiosa, qual o *Sitz im Leben* das questões religiosas e existenciais na vida dos ouvintes. É importante compreender a *religião vivida*. Os pregadores devem ter clareza de que a religião é uma realização elementar, sempre subjetiva, da interpretação da vida ou de um certo ato de autointerpretação. Como tal, é uma religião subjetiva. No entanto, a religião também sempre se apresenta como uma religião objetiva e institucionalizada, na forma de uma igreja – por exemplo, numa cultura com elementos cristãos com seus símbolos e rituais religiosos, numa cultura de mídia contemporânea com seus mundos textuais e imagéticos que moldam as atitudes das pessoas em relação à vida.

Ao mesmo tempo, não só os ouvintes, mas também os pregadores se movem para o centro da reflexão homilética. A tentativa de entender a religião sempre requer a compreensão da própria religião, percebendo-se o pregador em um relacionamento religioso e fazendo de sua própria subjetividade o local para determinar o que a prédica pede na interpretação do texto bíblico. Depois, há a tentativa de perceber o ouvinte nas circunstâncias de sua vida, interpretar o que faz o ouvinte buscar por ouvir uma prédica, quais são as oportunidades e expectativas que se abrem para o pregador e para o ouvinte da prédica.

As questões-chave são: como a religião ocorre na vida das pessoas? Como ela ocorre na minha própria vida como pregador? Quais as minhas convicções e pressupostos religiosos que caracterizam a minha vida prática? Como é isso na vida dos ouvintes? Que comportamento religioso

⁸ Ao mencionarmos a exegese existencial, remetemos ao método de Bultmann de interpretação existencial dos textos bíblicos, embora sem assumir o conteúdo de uma compreensão específica da existência derivada da exegese de Bultmann do NT.

elas revelam? Como eu (pregador) expresso e como eles (ouvintes) expressam suas crenças e sua fé? Como e onde isso se mostra, se explicita?

Trata-se de entender a *religião vivida*. A *religião vivida* são as referências de significado nas quais as pessoas conduzem conscientemente sua vida todos os dias. Ela articula as bases e as certezas que acompanham a vida de uma pessoa. Onde e como o seu senso de confiança se expressa? Ou, em que situações de vida e contextos seus fundamentos religiosos ameaçam quebrar? Onde e como novos recursos se abrem para renovar as certezas e a confiança existencial? De onde vem a coragem para viver?

Aproximando-se da tentativa de entender a própria religião, é fácil recorrer à compreensão da religião como uma dimensão da subjetividade, da autocompreensão de si e, portanto, da visão que constitui a própria identidade, quais são as próprias convicções. Quem possui autocompreensão religiosa e sabe como ela se expressa, também sabe como ela deve ser abordada e comunicada mais profundamente aos outros.

O processo seguido pela homilética é o processo de uma hermenêutica da *religião vivida*. Em outras palavras, trata-se de trazer a *religião vivida*, que é uma interpretação da própria vida nos horizontes do que é absolutamente necessário para mim, numa forma que a torna comunicável em cada interpretação subjetiva. Compreender a *religião vivida* é poder realizar interpretações das expressões religiosas da vida e, assim, comunicar a *religião vivida* sobre si mesma e alinhá-la com a interpretação cristã da vida.

C) Interpretar a vida: a doutrina da fé

Se a prédica quer capacitar as pessoas - à luz da mensagem cristã baseada na Bíblia, a uma autointerpretação religiosa, então a prédica deve unir a compreensão da *religião vivida* das pessoas com a compreensão da mensagem cristã. O desenvolvimento de si mesmo torna-se um desafio crucial no caminho da pregação. Ao mesmo tempo, qualquer pessoa que prega sempre trabalha com a perspectiva de uma doutrina da fé. Isso não significa que a prédica deva ser um apelo dogmatizador, mas que a fé permeie e se destaque em toda e qualquer prédica.

As perguntas orientadoras são: qual a autointerpretação religiosa que a mensagem cristã perfilada por este texto nos oferece hoje? Que perspectivas de mensagem se abrem a partir do texto bíblico por um lado e, por outro lado, que perspectivas de mensagem a situação religiosa do ouvinte abrem para a prédica?

A mensagem cristã (doutrina da fé) que a prédica quer comunicar, sempre exige do pregador que ele trabalhe na sua própria doutrina da fé. Em outras palavras, que a perspectiva da reflexão teológica sistemática seja considerada. A dogmática (doutrina) e a ética devem ser vistas em seu contexto e participar da reflexão homilética. Ambas contribuem para a articulação conceitual bíblicamente fundamentada e, ao mesmo tempo, orientam o ensino eclesial e a tradição religiosa no âmbito da autointerpretação religiosa da vida cristã. A doutrina da fé – enquanto dogmática e ética, explicam os conteúdos bíblicos e a tradição eclesial cristã tendo em vista a sua orientação implícita à vida. É fácil perceber que os impulsos orientadores para a vida que a doutrina cristã fornece, muitas vezes derivam da própria interpretação da vida.

D) Fazendo discursos: retórica

A prédica é um discurso religioso. Ela deve tentar cumprir sua tarefa na medida em que desdobra a interpretação bíblica e desdobra a interpretação da *religião vivida* em um discurso igualmente religioso e simultaneamente atraente. Um discurso tem destinatários que querem ser alcançados com uma mensagem. Como um discurso religioso, a prédica está, portanto, sob a exigência de reagir às questões existenciais com a interpretação cristã-religiosa de interpretação da vida, perfilada pela interpretação do texto bíblico.

As perguntas-chave são: O que eu quero dizer na prédica? Para quem, por que, com que intenção e de que forma? Qual é o tópico, qual o propósito da minha prédica? Como faço para não proclamar verdades acabadas, mas estimulando o ouvinte a interpretar religiosamente sua experiência, sua situação, sua vida?

O discurso religioso não fala sobre religião (institucionalizada). Ele fala fora da religião, por convicção religiosa e visa a comunicação salutar da religião. O que deve ser feito, como deve ser feito o discurso, para que ele chegue à comunicação da religião? Esta é a questão última, fundamental para a composição do discurso religioso. Portanto, é necessário resolver a dificuldade peculiar ao discurso religioso com meios retóricos. A dificuldade peculiar da comunicação retórica da religião é que, por meio da linguagem, ela visa a uma experiência pessoal, a uma realização existencial. Essa vivência existencial não se limita à sua expressão linguística, tampouco se limita à dimensão cognitiva ou de conteúdo simplesmente. A religião como experiência pessoal e realização existencial só pode ser estimulada pelo discurso religioso, não produzido. É por isso que a questão central da retórica no discurso religioso é: como proceder, quais aspectos formais devem ser levados em consideração na concepção do discurso religioso para que possa desencadear uma experiência religiosa e incitar à implementação da autointerpretação religiosa?

Dizer que uma prédica deve edificar o ouvinte parece ter perdido seu sentido hoje em dia. No entanto, eu retomo novamente essa afirmação, pois o conceito ou a ideia de uma prédica que edifica através de um discurso religioso, expressa precisamente a ideia que o discurso religioso é emocionalmente atraente, que ele toca; primeiro sentir algo e então pensar. A parte edificante do discurso religioso consiste naquilo que ele faz, qual seja, que o discurso atinge e envolve o ouvinte pessoalmente; que o ouvinte tem a sensação de que ele próprio foi e está envolvido. Portanto, o ouvinte também é chamado a acolher a mensagem no seu próprio coração.

2. O que, afinal, o discurso religioso pode fazer, quais aspectos retóricos devem ser considerados para que a prédica se torne um discurso religioso comvente?

Quero nomear três critérios:⁹

a) O discurso religioso deve ser claramente compreensível. Ele tem que falar o idioma daqueles para quem ele se dirige. Não deve falar uma língua estrangeira, nem um idioma destinado a pessoas historicamente, espacialmente e culturalmente distantes. Se o discurso é feito em língua estrangeira, então teria que ser traduzido, para poder se tornar um discurso emotivo que atrairá os ouvintes. Isso levaria muito tempo. Isso impedirá o ouvinte de se colocar em relação à mensagem do discurso. A forma do discurso religioso só coincide com seu conteúdo, se ele próprio o implica, ou seja, o ouvinte se sente atraído por ele e envolvido em uma experiência religiosa. Para que o discurso religioso se torne uma experiência religiosa para o ouvinte, ele deve evitar qualquer

⁹ Ao fazer isso, tomo idéias que o filósofo social Bruno Latour deu ao discurso religioso, tentando descrever sua linguagem por analogia com a linguagem do amor. Veja LATOUR, Bruno. **Jubilieren. Über religiöse Rede**, Berlin: 2011, p. 80-85

problema de tradução desnecessária. Somente no discurso imediatamente compreensível pode haver envolvimento emocional e estímulo à autorreflexão religiosa.

b) O discurso religioso deve considerar a situação, o contexto. Não deve ser dirigido a pessoas que se encontram em outro contexto, que não participam da realidade presente. Deve ser inequivocamente claro sobre o que é o discurso: o que se pretende é o presente, atingir o momento presente. As pessoas que vivem aqui e agora são os ouvintes potenciais. São elas que querem ser encorajadas à fé, asseguradas no amor e incitadas à esperança.

c) O discurso religioso deve falar uma linguagem efetiva. Ele não fala sobre fatos. Não informa sobre fatos. Ele não reclama conhecimento. Ele fala sobre o que é a fé. Isso acontece sob a forma de promessas performativas, que exigem absoluta confiança, mas, ao mesmo tempo, evocam confiança. Então, o discurso religioso fala o idioma da promessa, da promessa que não fica vazia.

A prédica enquanto discurso religioso aposta em poder falar essa linguagem de tal forma que os ouvintes sintam o encorajamento para se envolver nela.

No sentido de uma instrução, de um manual para a pregação, poderíamos sintetizar os três critérios nos seguintes tópicos: a) Não use palavras estrangeiras, b) Não faça rodeios, c) Busque, sem cessar, seu interlocutor.

É o propósito da pregação enquanto discurso religioso, comunicar fé, isto é, encorajar e capacitar para uma interpretação religiosa da vida. A prédica pretende estimular e promover a interpretação religiosa do ouvinte e do seu mundo. Afinal, os próprios ouvintes devem se ver capacitados e encorajados a realizar interpretações religiosas da/na sua vida, Por isso, o aspecto estético da prédica desempenha um papel crucial. Os ouvintes devem ser abordados, emocionalmente tocados, envolvidos no discurso como aqueles que são absolutamente o alvo deste discurso. A disposição de relacionar a mensagem da prédica e integrá-la à própria interpretação da vida é fundamental. O resto a prédica pode deixar para o ouvinte. Eles podem e seguirão o caminho da vida cristã por eles mesmos.